

Corpo Negro, Gênero e Subjetividades no Espaço Corporativo: Racismo, Sexismo e a Deslegitimação da Mulher Preta

Autora: Letícia Cristina de Campos

Eixo Temático: Corpo, Gênero e Subjetividades

Introdução

O mercado de trabalho brasileiro é atravessado por heranças coloniais que organizam os corpos a partir de hierarquias raciais e de gênero. Nesse contexto, o corpo da mulher preta é historicamente associado à subalternidade, à servidão e à invisibilidade intelectual. Ainda que haja avanços no acesso a espaços formais de trabalho, as desigualdades persistem por meio de práticas simbólicas, discursos naturalizados e microagressões cotidianas que impactam diretamente a construção das subjetividades negras femininas.

Objetivo

Analisar como o racismo estrutural e o sexismo operam de forma interseccional no ambiente corporativo, evidenciando os impactos específicos vivenciados por mulheres pretas e a maior aceitação social de homens pretos em comparação a elas.

Metodologia

Trata-se de um estudo qualitativo, fundamentado em relato de experiência, articulado à análise crítica de discursos e práticas institucionais. O trabalho dialoga com perspectivas teóricas sobre interseccionalidade, corpo negro e subjetividade no mundo do trabalho.

Discussão

O relato refere-se à experiência de uma estagiária preta em uma empresa de grande porte, sendo a única mulher preta que não atuava no cargo de limpeza. Apesar de ocupar uma função administrativa, sua presença era constantemente tensionada por discursos racializados que delimitavam, de forma implícita, os lugares considerados “adequados” para corpos negros femininos. Um episódio emblemático ocorreu quando, ao mencionar que sua irmã também trabalhava na empresa, foi imediatamente questionada se esta exercia a função de auxiliar de serviços gerais, reforçando a ideia de que mulheres pretas são naturalmente destinadas a cargos operacionais e de menor prestígio. Outro episódio Outro episódio significativo ocorreu quando foi questionado se sua presença na empresa representaria a “cota de preto”, evidenciando uma compreensão distorcida e pejorativa das políticas de ação afirmativa, frequentemente vistas como mecanismos de favorecimento miserável e não como instrumentos de correção das desigualdades históricas.

No ambiente corporativo, a mulher preta enfrenta uma vigilância constante sobre sua competência, postura e pertencimento. Diferentemente dos homens pretos, que, embora também racializados, tendem a ser mais aceitos em funções técnicas ou de liderança intermediária, a mulher preta é frequentemente percebida como “fora do lugar” quando ocupa espaços de intelectualidade, gestão ou tomada de decisão. Essa diferença revela a atuação simultânea do racismo e do patriarcado, que produzem uma hierarquização interna entre sujeitos negros.

Discursos como a dúvida sobre a qualificação, a surpresa diante da eloquência, a associação automática ao trabalho braçal e a ausência de reconhecimento simbólico são mecanismos que reforçam a deslegitimação da mulher preta. Tais práticas geram impactos profundos na subjetividade, como o sentimento de não pertencimento, o silenciamento de opiniões e a necessidade permanente de provar competência. Além disso, a mulher preta é frequentemente sobrecarregada emocionalmente, assumindo papéis de resistência, adaptação e resiliência para sobreviver em espaços que não foram pensados para sua presença.

Essas experiências evidenciam que o mundo corporativo não é neutro, mas sim um espaço de reprodução de desigualdades, onde o corpo da mulher preta é marcado por expectativas racializadas que limitam suas possibilidades de ascensão e reconhecimento profissional.

Considerações Finais

Conclui-se que a mulher preta ocupa uma posição de maior vulnerabilidade no ambiente corporativo, sendo atravessada por múltiplas opressões que impactam sua trajetória profissional e subjetiva. Reconhecer essas dinâmicas é fundamental para a construção de práticas institucionais antirracistas e antissexistas, que promovam a equidade e a valorização da diversidade para além do discurso.

Palavras-chave: Mulher preta; Racismo estrutural; Interseccionalidade; Mundo corporativo; Subjetividade.